

**PAÍS EM CRISE**

# EM UM ANO, A VIDA FICOU MAIS DIFÍCIL

## Sem dinheiro, governo Dilma teve de cortar os programas sociais

// **LUÍSA TORRE**  
[ltorre@redegazeta.com.br](mailto:ltorre@redegazeta.com.br)

Em meio a uma crise fiscal e sem muitas possibilidades de cortar o orçamento, o governo federal, no esforço de contingenciamento de gastos, apontou a tesoura para benefícios sociais concedidos em anos anteriores. Desde o início do ano, os alvos foram Fies (programa que financia estudantes do ensino superior), Pronatec (programa nacional de ensino técnico) e Minha Casa Minha Vida (programa habitacional). Os cortes, no entanto, acabaram por gerar insatisfação dos eleitores – graças à não ampliação dos benefícios, como Dilma Rousseff prometeu em campanha, muitos se viraram contra ela.

O problema, explica Gilberto Braga, economista e professor da Ibmecc, é que considerando o atual cenário fiscal e a estrutura de gestão da administração pública, o governo fica sem alternativas. “O governo não pode demitir funcionário público, não pode deixar de pagar previdência, então vai cortando o resto – e os programas sociais viram alvos. Nesse momento, eu diria que uma reforma ampla e geral do Estado permitiria que esses programas sobrevivessem mediante uma análise qualitativa do gasto público”.

Para quem é participante ou aspirante nos programas sociais, isso representou “uma ducha de água fria”, diz ele.

“Quem pretendia ingressar no curso superior com o Fies, deixa de ter essa oportunidade. Num momento de crise, isso acaba com as expectativas de uma parte da população em estudar, ter mais qualificação e oportunidade de realização profissional e na vida. O mesmo se

**NÃO HÁ VAGA**

MARCELO PREST

### “CHEGUEI A TENTAR O PRONATEC, MAS NÃO TEM VAGA PARA MINHA ÁREA”

**Ivanete Salaroli**  
24 anos, desempregada

### Mudança de hábitos após desemprego

“Era vendedora uma loja de roupas, mas assim que acabou minha licença-maternidade, fui dispensada. Eles falaram que foi corte de gastos e demitiram vários funcionários. Isso tem 2 anos. Desde então, tenho procurado muito emprego, e sempre a mesma resposta. Por causa da crise, a gente não está conseguindo. Meu marido também perdeu empre-

go, e tive que trancar meu curso técnico. Estava fazendo técnico em enfermagem. Por mês, era em torno de R\$ 400 por mês. Cheguei a tentar algumas vezes o Pronatec, mas não tem vaga para minha área, é mais para área de mecânica e administração. Depois que perdi o emprego, minha rotina mudou muito, deixei de sair, passear. Agora estou fazendo bombom e salgadinhos para vender. Estou me virando pegando bicos, em restaurante, cuidador de idoso. Tem que correr atrás.”

aplica ao Pronatec, aos bolsistas de cursos de especialização a nível de pós-graduação como mestrado e doutorado no exterior, ao Ciência sem Fronteiras, todos sofreram cortes”, elenca.

Bruno Funchal, economista e professor da Fucape, avalia que o grande problema do Brasil, em relação aos programas sociais, é que a gente não sabe quais programas sociais geram resultados de fato. “Pode ser que tenha programas sociais que esteja gastando dinheiro e não tenha eficiência. Não tem mensuração de resultado. Então, temos um problema pior, estamos discutindo volume de gastos, quando temos que discutir a qualidade do gasto. Mas hoje a si-

**CONTRA A PAREDE**

“Ou o Brasil faz o ajuste da previdência e o ajuste tributário, cortando gastos, fazendo a CPMF, ou vamos ter um colapso na nossa dívida”

**BRUNO FUNCHAL**  
Economista

tuação do governo em termos fiscais é tão grave, que ele é obrigado a cortar ou a dívida vai explodir e o risco da economia, aumentar”.

**REFORMAS**

Funchal lembra que

muito do rombo que existe hoje se deu por causa dos grandes aportes ao Bndes, para financiamento de empréstimos. “O que se gastou para fazer política de crédito para as empresas que o governo escolheu foram mais de R\$ 300 bilhões, mais de 13 anos de Bolsa Família. Então com certeza é um tipo de análise que deveria ter sido feito”.

Para o economista, o governo não tem como arcar com todos esses gastos. “Ou o Brasil faz o ajuste da previdência e o ajuste tributário, cortando gastos, fazendo a CPMF, ou vamos ter um colapso na nossa dívida, um problema mais sério no futuro”.

O que está colocando

em xeque os programas sociais é a recessão, que leva à queda da arrecadação, analisa o professor dos MBAs da FGV, Robson Gonçalves.

“A coerência do governo seria manter os programas sociais. Mas como não tem caixa e tem dificuldade de cortar outras despesas, como previdência e folha de pagamentos, o ajuste recai sobre os programas sociais. Se o país estivesse numa trajetória de crescimento, os programas poderiam continuar, não seriam insustentáveis. O corte só recai sobre esses programas por falta de opção de onde cortar”, aponta.

Robson observa que exis-

te muita ineficiência no gasto público, o que também precisa ser atacado se o governo pretende melhorar a situação fiscal do país.

“Se você direcionasse melhor o gasto público, seria possível manter os programas, porque o Brasil é um país desigual. Junto com isso deveria haver um investimento mais forte em educação, para que as pessoas ao longo da vida dependam menos dos programas sociais. Temos equipamentos de saúde comprados e não utilizados, escolas inauguradas que não tem mobiliário e não podem ser usadas. Se melhorasse essa eficiência, os programas não precisariam ser cortados”.



O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS

“Não há muita alternativa diante da estrutura de gastos públicos que se tem, em que há uma despesa de custeio muito elevada e uma arrecadação que vem caindo”

**GILBERTO BRAGA**  
ECONOMISTA



“O grande problema do Brasil hoje não é que está cortando em programa social, é que a gente não sabe quais programas geram resultado de fato. Não tem mensuração do resultado”

**BRUNO FUNCHAL**  
ECONOMISTA



“O corte só recai sobre esses programas por falta de opção de onde cortar. Existe muita ineficiência no gasto público. Se o gasto público fosse melhor direcionado, seria possível manter a verba”

**ROBSON GONÇALVES**  
PROFESSOR DA FGV



TESOURADA

**FIES**

▼ **Vagas**  
O programa de financiamento na educação superior teve uma mudança de regras em 2015 e o número de contratos fechados caiu. Enquanto em 2014, foram 733 mil contratos, em 2015 foram 314 mil. Para 2016, a previsão é o mesmo número de vagas.

▼ **Orçamento**  
Durante o ano, o então ministro Renato Janine chegou a dizer que não havia mais dinheiro para o Fies, mas o MEC informou que novos recursos foram disponibilizados. Em 2015, o orçamento foi de R\$ 17,8 bilhões e, para 2016, a previsão de gastos é de R\$ 18,7 bilhões.

**PRONATEC**

▼ **Vagas**  
Voltado para o ensino técnico, o Pronatec ofereceu 3 milhões de vagas em 2014. Em 2015, a oferta caiu: foram 1,26 milhões. Para 2016, o MEC anunciou 2 milhões de vagas.

▼ **Orçamento**  
Caiu de R\$ 5,2 bilhões, em 2014, para R\$ 4,6 bilhões em 2015. Para 2016, o orçamento previsto do programa é R\$ 2,7 bilhões, mas a expansão de vagas passa pela parceria com o Sistema S.

**MINHA CASA MINHA VIDA**

▼ **Corte**  
Após anunciar que a terceira fase do Minha Casa Minha Vida teria 3 milhões de unidades, a presidente Dilma revisou para 2 milhões de casas até 2018. Segundo ela, isso acontecer porque o Brasil “enfrenta problemas”.

NA DIFICULDADE

MARCELO PREST



“ATÉ O MEIO DO ANO PASSADO, ERA MAIS FÁCIL ARRUMAR EMPREGO”

**Israel Cordeiro**  
26 anos, desempregado

**Faculdade trancada e menos shows**

“Eu era eletricitista em uma empresa terceirizada da Jurong. Com essa crise, muita gente foi mandada embora. A empresa disse que reduziu o quadro por causa da crise, tinha pouco serviço e eu sai em outubro de 2015. Para mim, mudou muita coisa. Até o meio do ano passado, era mais fácil arrumar emprego, chegava nas empresa e tinha 5, 6 vagas.

Agora está difícil, poucas vagas, só entrando por indicação mesmo. Depois que perdi o emprego, não posso mais sair para comer um lanche fora de casa. Eu ia em shows, agora não vou mais tem vários meses. Tive que vender a moto que eu tinha. Desempregado não tenho como pagar ela. Eu estou com a faculdade de petróleo e gás trancada há uns 3 anos, a área caiu muito e eu decidi trancar. Estou pensando em fazer mais cursos, mas espero que melhore essa situação e os empregos voltem”.

**Desemprego e inflação são o pior da crise**

Entre todos os problemas causados pela crise econômica, o desemprego é um dos que mais assombra os brasileiros. Em 2015, foram fechadas mais de 46 mil postos de trabalho só no Espírito Santo. Em todo o Brasil, foram 1,54 milhão de vagas de emprego a menos. Uma pesquisa feita pelo Instituto Data Popular revelou que 91% dos brasileiros reduziu seu consumo no ano passado, com o agravamento da re-

cessão e o desemprego maior. Entre os desejos não realizados, estão viajar para fora do Brasil, adquirir a casa própria e comprar um carro. Para professor dos MBAs da FGV Robson Gonçalves, a redução dos benefícios sociais tem um efeito no eleitorado acostumado com eles. Mas, na opinião dele, o problema maior dos brasileiros é outro. “O desemprego e a inflação são os maiores problemas para a população.

Se as pessoas tivessem uma renda corrente que as permitisse viver bem e sem ser corroída pela inflação, o impacto da restrição desses programas seria menor. O problema maior, atualmente, é a queda da renda”. Com desemprego em alta, a renda real dos brasileiros começou a cair devido ao baixo poder de barganha dos trabalhadores e também devido à inflação em dois dígitos – o índice fechou em 10,67% em 2015.

**ANÁLISE**

**São políticas insustentáveis**

“Todos os governos que tentam manter altos índices de popularidade tendem a fazer uso de políticas públicas assistencialistas, quase todas não sustentáveis. Principalmente quando não estão a elas atreladas verdadeiras condições de produção de resultados e de medição de sua evolução. Sem o adequado e transparente envolvimento da iniciativa privada e assim, dependentes do orça-

mento público, os programas sociais do governo Dilma exauriram os cofres públicos, já fragilizados pela crise política, institucional e econômica que imobiliza o país. O governo abriu mão de desenvolver as parcerias público-privadas ou quando as fez, não observou os princípios básicos da ética e da legalidade.

**ANTONIO MARCUS MACHADO**  
ECONOMISTA E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO